

ENTRE A RUÍNA E O RETORNO: OS *SPOMENIKS* IUGOSLAVOS NA ATUAL REPÚBLICA DA CROÁCIA

Mariana Hebling Alen Loureiro¹

Artigo recebido em: 03/03/2022.

Artigo aceito em: 23/08/2022.

RESUMO:

Durante as décadas de existência da República Federativa Socialista da Iugoslávia, uma vasta rede de monumentos foi erguida em toda a extensão de seu território como símbolo da sua fundação como nação através da luta dos *partisans* e da herança histórica de colaboração entre as repúblicas independentes e as províncias autônomas. Assim, o presente trabalho busca mapear e identificar o estado atual dessas construções na República da Croácia – estado que emergiu da dissolução da Iugoslávia e cujas narrativas nacionais em voga tendem a antagonizar o seu passado socialista. Por meio de um levantamento quantitativo, buscamos analisar os esforços de preservação, as tentativas de destruição e as modificações e apropriações em torno desses espaços no contexto de afirmação de uma cultura nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Croácia; Iugoslávia; Local de Memória; Monumento.

BETWEEN RUIN AND RETURN: the Yugoslav *spomeniks* in present-day Croatia

ABSTRACT:

During the decades of existence of the Socialist Federative Republic of Yugoslavia, a vast network of monuments was erected throughout its territory as a symbol of its foundation as a nation through the partisan struggle and the historical heritage of collaboration between the independent republics and the autonomous provinces. Thus, the present work seeks to map and identify the current state of these constructions in the Republic of Croatia – a state that emerged from the dissolution of Yugoslavia and whose national narratives in vogue tend to antagonize its socialist past. Through a quantitative survey, we seek to analyze the preservation efforts, the

¹ Bacharel em História pela Universidade de São Paulo e mestranda em Estudos do Leste Europeu e Eurásia na Universidade de Bolonha; Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9363139912024190>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4869-1421>; E-mail: mrnhebling@gmail.com. Integrante do Laboratório de Estudos da Ásia (LEA) da Universidade de São Paulo.

attempts at destruction and the modifications and appropriations around these spaces in the context of affirmation of a national culture.

KEYWORDS: Croatia; Yugoslavia; Memory Space; Monument.

1. Introdução

Definidos como “simples e ambíguos, naturais e artificiais, ao mesmo tempo imediatamente disponíveis na experiência sensual concreta e suscetíveis à elaboração mais abstrata”² (NORA, 1989, p. 18, tradução nossa), os *lieux de mémoire* são espaços em que a memória se cristaliza e se secreta. Seu objetivo é o de paralisar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, imortalizar a morte, materializar o imaterial – “tudo isso para capturar o máximo de significado no menor número de signos”³ (NORA, 1989, p. 9). O *lieu de mémoire* nasce com o fim de um *milieu de mémoire*, marcando a descontinuidade e o fim de um modo de vida que se torna apenas vestígio, uma história que “não seguiu adiante, mas foi interrompida de modo mais ou menos violento. Tal história se materializa em ruínas e objetos remanescentes [...], o que foi interrompido cristaliza-se nesses restos” (ASSMAN, 2011, p. 328). Mesmo o abandono e a destruição de um local não implicam o fim de sua história: esses objetos materiais remanescentes ainda podem ser reavivados pela recordação. Assim, “ainda há algo presente que indica acima de tudo uma ausência; aqui ainda está presente algo que sinaliza, em primeira linha, o fato de já haver passado” (ASSMAN, 2011, p. 329). Nesse sentido, os monumentos e suas ruínas, entendidos como estruturas materiais construídas em um território particular com a finalidade de preservação da memória de algum evento ou indivíduo – pertencentes, em muitos casos, a configurações político-espaciais que já não existem mais – certamente podem ser entendidos como *lieux de mémoire* nos termos de Nora.

Com a sua construção através de uma revolução socialista após a Segunda Guerra Mundial, a Iugoslávia testemunhou esforços massivos de formação e remodelamento do passado revolucionário imediato e do passado monarquista mais

² No original: “(...) simple and ambiguous, natural and artificial, at once immediately available in concrete sensual experience and susceptible to the most abstract elaboration”.

³ No original: “(...) all of this in order to capture a maximum of meaning in the fewest of signs”.

distante (BEGIĆ; MRAOVIĆ, 2014, p. 17), sendo a construção de monumentos uma parte fundamental desse processo. Para solucionar as diversas contradições que causaram crises internas no Reino da Iugoslávia, para além da elaboração de novas formas políticas, todo o sistema simbólico também deveria ser construído e reformulado: rejeitando as tentativas de impor uma identidade iugoslava artificial de cima para baixo, tal como foi feito durante o período monarquista, as lideranças do partido focaram na possibilidade de cooperação entre as diferentes etnias e sua capacidade de emancipação social, sem negar as suas particularidades e diferenças - daí a construção de uma imensa rede de memoriais que comemoravam o heroísmo dos *partisans*, grupo multiétnico que venceu os poderes do eixo e retomou o território ocupado pelos regimes fascistas. Com o colapso da Iugoslávia ao longo da década de 1990, “os fantasmas e os traumas suprimidos da Segunda Guerra Mundial borbulharam à superfície e contribuíram para um novo ciclo de vingança violenta”⁴ (PAVLAKOVIĆ, 2014, p. 356, tradução nossa). Em meio a essas dinâmicas, uma boa parte dos monumentos que comemoravam a Segunda Guerra Mundial foi sistematicamente destruída: segundo as estatísticas da Organização Antifascista Croata, estima-se que cerca de 2,900 monumentos e placas memoriais comemorativas foram destruídas entre os anos de 1990 e 2000 (HRŽENJAK, 2001, p. xii) – no entanto, é difícil afirmar categoricamente, visto que tanto os monumentos quanto os documentos relativos aos monumentos desapareceram nesse período (HORVATINČIĆ, 2013, p. 218).

Curiosamente, um movimento renovado de interesse nessas construções cresce nos últimos anos, e esses memoriais que estiveram esquecidos e abandonados parecem finalmente retornar à memória pública. Qual é a essência de um *lieu de mémoire*, sua intenção original ou o seu retorno aos ciclos da memória? “Claramente ambos: todos os *lieux de mémoire* são objetos *mises en abîme*”⁵ (NORA, 1989, p. 20, tradução nossa). No entanto, esse retorno dos monumentos não se restringe à sua

⁴ No original: “As Yugoslavia slid towards ethnic war in the late 1980s, the ghosts and suppressed traumas of World War Two bubbled to the surface and contributed to a new cycle of violent revenge”.

⁵ No original: “Clearly both: all *lieux de mémoire* are objects *mises en abîme*”.

apreciação ou comemoração: cada vez mais, essas construções vêm mobilizando manifestações de diversas naturezas, sendo alvo também de novas formas de violência, suscitando revisionismos históricos e discursos políticos que retomam antigas feridas.

Ao passo que a edificação de monumentos se dá com o objetivo de preservação da memória de certos eventos ou indivíduos, e sua análise pode revelar aspectos importantes sobre as tentativas institucionais de construção e perpetuação de narrativas, são as suas transformações e novas apropriações ao longo do tempo que podem revelar o adensado de memórias que aparecem como choque quando “o pensar se suspende subitamente numa constelação carregada de tensões” (BENJAMIN, 2012, p. 19). Como construções que acumulam camadas de significação que se sobrepõe e se condensam, *configurações saturadas de tensões*, os monumentos podem fornecer pistas sobre a relação de uma determinada sociedade com a sua história oficial, evidenciando a coexistência de múltiplas memórias e narrativas em torno de um mesmo evento, além das formas e motivações de apropriação do passado pelo presente.

Assim, é para as transformações da herança memorial do passado que este estudo pretende se voltar: analisando a condição atual dessas construções na República da Croácia, uma das repúblicas independentes que emergiu com o colapso da Iugoslávia, buscamos entender o atual estatuto e os novos usos dos monumentos no contexto de afirmação de uma cultura nacional que frequentemente se relaciona com o seu próprio passado através da alteridade e distanciamento.

2. O caso da Croácia: a eterna questão nacional

Os *lieux de mémoire*, entendidos como elementos “mistos, híbridos, mutantes, intimamente ligados à vida e à morte, ao tempo e à eternidade”⁶ (NORA, 1989, p.

⁶ No original: “(...) mixed, hybrid, mutant, bound intimately with life and death, with time and eternity”.

19, tradução nossa) parecem refletir a natureza dos *Spomeniks*⁷: os numerosos monumentos construídos ao longo da existência da Iugoslávia socialista, que tinham como objetivo a celebração de eventos que constituem marcos em sua trajetória de formação durante a Segunda Guerra Mundial. Os monumentos têm como evento central a Guerra de Libertação da Iugoslávia (*Narodnooslobodilačka borba*, NOB⁸), homenageando episódios específicos ou tropas locais que integram esse conjunto de disputas entre as forças do eixo e os *partisan* iugoslavos. No entanto, esse período não pode ser entendido simplesmente em termos dessa oposição: a coexistência no território do Reino da Iugoslávia⁹ de grupos políticos rivais desde os seus primeiros momentos resultou em uma complexa dinâmica de fragmentação durante a Segunda Guerra Mundial. O Reino da Iugoslávia tinha de fato sido estabelecido, porém sua subsistência permanecia frágil: “a questão nacional não desapareceu da agenda; permaneceu e ameaçou, sob a pressão do nazismo e do fascismo, a própria existência da Iugoslávia”¹⁰ (ŠTIKS, 2015, p. 34, tradução nossa). Foi o que

⁷ O termo *spomenik* é definido no Portal da Língua Croata (*Hrvatski Jezični Portal*) como “uma obra ou coisa que marca ou lembra eventos passados” (no original: *djelo ili stvar koja obilježava ili podsjeća na prošle događaje*), termo derivado da palavra *spomen* (lembrança). No idioma original, o seu plural é *spomenici*; no entanto, após a popularização do trabalho do fotógrafo Jans Kempnaers, que será discutido em detalhe mais a frente, o termo *Spomeniks* (pluralizado em inglês) passou a circular amplamente na internet, designando os monumentos iugoslavos que seguem um estilo arquitetônico particular, construídos entre 1950 e o final da década de 1980. Para uma discussão aprofundada sobre este estreitamento semântico, ver HORVATINČIĆ, Sanja. *The Peculiar Case of Spomeniks: Monumental Commemorative Sculpture in Former Yugoslavia - Between Invisibility and Popularity* (2012).

⁸ Para compreender a importância destes conflitos como princípio fundador da identidade nacional iugoslava, construída em torno das ideias de fraternidade e unidade, é necessário ter em mente que a experiência de guerra na Iugoslávia foi bastante específica em comparação com o resto da Europa: “se trata de um tipo de guerra de guerrilha que, com o apoio considerável da população local, manteve a continuidade das operações em grande parte dos territórios ocupados de 1941 até o fim da guerra” (HORVATINČIĆ, 2015, p. 38, tradução nossa). Assim, após o fim da guerra, o fim do Estado Independente da Croácia e a fundação da República Socialista Federativa da Iugoslávia, a transmissão da memória e o cultivo de tradições revolucionárias se tornam uma necessidade tanto espontânea quanto pragmática do novo governo socialista, visando impulsionar a “consciência coletiva sobre a importância da autolibertação do país e [...] as implicações ideológicas da organização e participação de massas na luta contra o fascismo” (HORVATINČIĆ, 2015, p. 37, tradução nossa).

⁹ De 1918 até 1941, a Iugoslávia existiu como uma monarquia, primeiro sob o nome de “Reino dos Croatas, Sérvios e Eslovenos”, de 1918 até 1929, quando foi proclamado o Reino da Iugoslávia. Essa foi a primeira tentativa de construção de um país comum para as etnias eslavas do sul, porém ainda centralizado na Sérvia e repleto de tensões internas (BENSON, 2001, pp. 21-72).

¹⁰ No original: “However, the national question did not disappear from the agenda; it remained and threatened, under the pressure of Nazism and Fascism, the very existence of Yugoslavia itself”.

aconteceu no caso da Croácia, em que graças às graves decepções encontradas na Iugoslávia monarquista, muitos saudaram a criação do Estado Independente da Croácia [*Nezavisna Država Hrvatska*] (NDH)¹¹ em abril de 1941 (GOLDSTEIN, 2017, p. 141).

A chamada “questão croata”, considerada em aberto por seus defensores durante toda a existência do Reino da Iugoslávia, se referia ao desejo de alguns grupos e partidos políticos de proclamar um estado independente. De maneira mais radical, era defendida pela organização *Ustaša*, grupo ultranacionalista fundado em 1929 que percebia a Iugoslávia como uma “criação artificial imposta pelos sérvios sobre os croatas para lhes negar a sua liberdade; portanto, para obter a sua liberdade nacional, os croatas têm que destruir esse estado e se libertar da dominação sérvia”¹² (PAVKOVIC, 2000, p. 37, tradução nossa). Com a tomada da Iugoslávia monarquista pelas forças do eixo em abril de 1941 e a subsequente divisão de seu território entre a Alemanha, Itália, Hungria e Bulgária, um estado fantoche foi estabelecido, colocado sob o poder do líder *ustaša* Ante Pavelić.

¹¹ O NDH, sob domínio do grupo *ustaša*, era composto por boa parte do território da atual Croácia, excluindo a região da Dalmácia – anexada pela Itália –, e as regiões de Međimurje e Barânia – anexadas pela Hungria – além do território da atual Bósnia e Herzegovina. O regime *ustaša* governou com milícias, exércitos, polícia secreta e cerca de vinte campos de concentração (PEROVIĆ, 2017, p. 253); os líderes do estado fantoche tinham ideologias compatíveis com a Alemanha nazista e Itália fascista, visando a construção de um estado croata etnicamente puro através da destruição dos outros grupos étnicos habitantes da região, bem como de seus símbolos culturais e religiosos. As maiores atrocidades foram praticadas nos campos de concentração de Jasenovac, Stara Gradiška e Jadovno, para onde foram mandadas populações sérvias, judaicas, *romani* e opositores do regime (PEROVIĆ, 2017, p. 253). Seria errôneo afirmar que o apoio ao NDH nestes territórios foi unânime: havia grupos de oposição ao regime, vindo principalmente dos comunistas, da ala esquerda do Partido Camponês Croata e dos intelectuais a favor da Iugoslávia (PAVKOVIC, 2000, p. 38). Assim, o entusiasmo de muitos pela criação de um estado independente logo deu lugar à decepção: a perseguição das minorias étnicas e o terror brutal contra qualquer forma de oposição causou incerteza em uma fração crescente da população. A incerteza, as dificuldades econômicas e o fortalecimento das forças de oposição provocaram uma mudança nos rumos políticos da região; porém mesmo nesse cenário de escassez e violência, algumas pessoas se iludiram dizendo que “é melhor ter uma Croácia do que nenhuma” (GOLDSTEIN, 2017, p. 142). Ou seja, a questão nacional estava longe de ser completamente resolvida.

¹² No original: “Yugoslavia was an artificial creation which the Serbs imposed on the Croats to deny them their freedom; therefore, to attain their national liberty the Croats have to destroy this state and to free themselves from Serb domination”.

A organização dos *partisans*, consolidada em junho de 1941 sob a liderança de Josip Broz Tito, crescia e se tornava uma alternativa às tendências nacionalistas presentes em todos os territórios do antigo Reino da Iugoslávia, principalmente na Sérvia e na Croácia (RASTODER, 2017, p. 108). Os *partisans*, oficialmente autodenominados como *Movimento de Libertação Nacional da Iugoslávia*, se organizaram em defesa da causa iugoslava pelo recrutamento de voluntários de todas as nacionalidades; seu compromisso era com a causa da libertação nacional das forças estrangeiras e com a construção de um novo estado que pudesse superar os problemas e as tensões da Iugoslávia monarquista (PAKVOKIC, 2000, p. 39). As metas da Guerra de Libertação Nacional (NOB) promovida pelos *partisans* eram a libertação do país da dominação estrangeira e o estabelecimento de uma nova Iugoslávia de povos livres e iguais (GOLDSTEIN, 2017, p. 144); na medida em que isso também significaria a possibilidade de certa independência para a Croácia, o movimento começou a atrair cada vez mais voluntários nos territórios controlados por Pavelić. Goldstein também aponta para um outro fator importante, que contribuiu para a adesão dos croatas à resistência *partisan*: algumas regiões historicamente reivindicadas pela Croácia que estavam sob o domínio da Itália, como “Zadar e algumas das ilhas, a Ístria e partes do litoral croata foram inclusas na Iugoslávia (...) curando assim longos anos de frustração”¹³ (GOLDSTEIN, 2017, p. 145, tradução nossa).

3. Do NDH à Iugoslávia socialista: *fraternidade e unidade*, luto e celebração

Com a vitória dos *partisans* de Tito e a proclamação da República Federativa Socialista da Iugoslávia, a Croácia se tornou uma das seis repúblicas que compunham a federação; o novo estado, resultado da luta coletiva dos *partisans* contra as forças fascistas, visava à resolução das tensões que ainda estavam presentes na Iugoslávia monarquista. Assim, três promessas centrais foram feitas no período da guerra: libertação das forças estrangeiras, emancipação social através do

¹³ No original: “Zadar and some of the islands,, Istria and parts of the Croatian Littoral were included in Yugoslavia or, more precisely, Croatia, thereby healing long years of frustration”.

socialismo e, finalmente, uma resposta à questão nacional, através da construção de um estado federativo no qual nenhuma étnica poderia se sobrepôr as demais. A questão nacional e a emancipação social eram percebidas como interdependentes, no sentido de que não poderia haver socialismo sem uma resolução satisfatória da questão nacional, e vice-versa: em outras palavras, a questão nacional não poderia ser resolvida senão através da transição completa para o comunismo (ŠTIKS, 2015, p. 51), na qual a solidariedade proletária eventualmente superaria as diferenças étnicas até a dissolução das classes.

Uma parte importante desse processo foram as tentativas de afirmação de formas supranacionais de identidade, fundadas na cooperação mútua entre as etnias sob o lema da *fraternidade e unidade*. Estava claro que tanto as ideologias nacionalistas radicais quanto a tentativa de forjar uma única identidade iugoslava, tal como empreendida pela monarquia, deveriam ser completamente rejeitadas; assim, ao invés do apagamento das diferenças étnicas, os novos dirigentes políticos buscaram reforçar a possibilidade de cooperação entre estes grupos, através da criação de um estado federativo que, apesar de ser governado por um único partido, era composto de repúblicas cada vez mais autônomas, na qual as tradições e cultura de cada uma das etnias pudessem ser cultivadas. Nesse sentido, a NOB foi um episódio fundamental: a retomada do território ocupado e a fundação de um novo estado por partidários da causa socialista, um grupo multiétnico, era um exemplo desta cooperação entre os povos; assim, a versão oficial do passado enfatizada a luta unida de todos os povos da Iugoslávia contra um inimigo externo – os ocupantes estrangeiros (PAVLAKOVIĆ, 2014, p. 352).

Se as tensões entre croatas e sérvios não eram um fenômeno recente, a situação se agravou consideravelmente na Croácia socialista: as minorias sérvias estavam traumatizadas pela violência do governo *ustasha*, enquanto uma parcela da população croata permanecia desconfiada quanto à centralização do regime em Belgrado (PAVLAKOVIĆ, 2014, p. 353). Assim, a transmissão da narrativa heroica da resistência antifascista foi crucial para a restauração da confiança interétnica: no

contexto do pós-guerra, essas tentativas de consolidação e transmissão da NOB na memória coletiva foram, entre outras práticas, amplamente expressas pela construção de monumentos (HORVATINČIĆ, 2013, p. 224). No entanto, apesar do projeto de afirmação da cooperação entre croatas e sérvios, algumas questões sensíveis permaneceram sem uma resolução efetiva: a colaboração interna do NDH com as forças do eixo, a existência do governo *ustasha* como um poder fascista apoiado por uma parte considerável da população e a passividade perante a deportação e o genocídio de minorias étnicas foram ou ignoradas completamente, ou simplificadas em narrativas concentradas em alguns poucos traidores individuais contra uma massa revolucionária de resistência (KARGE, 2012, p. 107). Varrido para fora da memória pública, o trauma sofrido pelas minorias durante o período do NDH encontra nas práticas comemorativas oficiais um espaço de luto, através do processo que Karge denomina como *mediação da memória*, que imbuíam esses espaços memoriais com mais uma camada de significação, para além de sua função original.

4. A ambiguidade dos monumentos: *mediação da memória* e contra-narrativas

Como aponta a historiadora Heike Karge,

mal havia uma aldeia na ex-Iugoslávia que não tivesse seu memorial de guerra local, seja na forma do soldado figurativo favorito com uma arma na mão, uma solução abstrata mais artística ou pelo menos pequenas placas comemorativas que comemoravam certos eventos de guerra locais¹⁴ (KARGE, 2009, p. 51, tradução nossa).

Na Croácia e no restante da ex-Iugoslávia, a imensa rede de monumentos dedicados à NOB incluía – além da escultura e arquitetura monumentais – também espaços públicos como centros culturais, escolas, parques e até fábricas, recordando os protagonistas ou eventos da Segunda Guerra Mundial (HORVATINČIĆ, 2013, p. 219). Eram frequentemente colocados em localizações centrais nas vilas e cidades; a sua elaboração, construção e financiamentos foram em sua maioria iniciativas do

¹⁴ No original: “There was barely a village in the former Yugoslavia that did not have its local war memorial, either in the form of the favourite figurative soldier with a weapon in his hand, a more artistic abstract solution or at least small commemorative plaques that were to commemorate certain local war events”.

governo federal através dos comitês locais da SUBNOR (*Federação de Associações de Veteranos da Guerra de Libertação Popular da Iugoslávia*) (KARGE, 2009, p. 51). A SUBNOR foi uma associação estabelecida para reunir os *partisans* que haviam participado do conjunto de batalhas da NOB e para construir, projetar e proteger a memória da Segunda Guerra Mundial prescrita pelo estado (JAUKOVIĆ, 2014, p. 86): operava através de comitês locais, sendo em larga escala responsável pela garantia, tributo e desenvolvimento das tradições da NOB, através da construção dos monumentos e organização dos eventos comemorativos (KARGE, 2009, p. 50), que ocorriam principalmente nas datas associadas com a narrativa *partisan* (4 de julho, Dia dos Veteranos, ou 27 de julho, Dia da Revolta do Povo Croata)¹⁵ (PAVLAKOVIĆ, 2014, p. 363). Apesar de ser uma organização federal, cuja campanha de consolidação da memória estava ligada ao projeto do partido, a execução e o financiamento desses empreendimentos ocorriam a nível local, em sua maioria através da contribuição voluntária da população (KARGE, 2009, p. 51).

A intensa participação popular no financiamento e construção destes monumentos e nos eventos comemorativos não revela, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, uma adesão popular uniforme aos princípios revolucionários da *fraternidade e unidade*. Karge argumenta que prevaleciam práticas funerárias tradicionais e locais, centradas nos mortos e no luto das vítimas da guerra, mas não nos princípios revolucionários e socialistas pelos quais estes indivíduos tinham (conscientemente) dado a suas vidas (KARGE, 2009, p. 52). Assim, em vez de uma política uniforme e hierarquizada de memorialização, é possível falar em uma *mediação da memória*, um processo complexo no qual o luto individual e as práticas, tradições e códigos culturais locais encontram expressão na narrativa política oficial e nas suas comemorações, desenvolvendo uma relação ativa com os espaços de memória permitidos. Nesse sentido, as pessoas não apenas se adaptaram a esses memoriais, mas também os transformaram, inscrevendo significados

¹⁵ Até os conflitos da década de 1990, 27 de julho foi comemorado como o Dia da Revolta do Povo Croata, quando foi substituído pelo Dia da Luta Antifascista em 22 de junho, que ainda permanece um feriado nacional.

ambíguos nos espaços e nas comemorações (KARGE, 2009, p. 53). Além disso, Pavlaković aponta para a multiplicidade de respostas que as comunidades ofereceram ao reforço da narrativa oficial pelas práticas mnemônicas: se uma parcela da população abraçou a versão pública da memória e suas comemorações, seja pela adesão à causa socialista ou pelo processo de *mediação da memória*, é inegável que uma constelação de contra-narrativas continuaram existindo na esfera privada, suprimidas até a dissolução da Iugoslávia na década de 1990 – quando vieram a tona de maneira intensa e violenta (PAVLAKOVIĆ, 2014, p. 367). Fica claro então que, pela convergência e acúmulo de camadas de significação que saturam os monumentos,

a força vinculativa dos lugares está fundamentada de modo muito diversificado: no caso do lugar geracional, essa força repousa sobre uma cadeia de parentesco entre vivos e falecidos; no caso dos locais memorativos, ela repousa sobre uma narrativa resgatada e legada adiante; no caso de locais da recordação, sobre um mero interesse histórico de caráter antiquário; e no caso de locais traumáticos, sobre uma ferida que não quer cicatrizar (ASSMAN, 2011, p. 359).

5. A década de 1990: a ascensão das contra-narrativas

Quando o regime pós-socialista foi estabelecido na Croácia após a sua Guerra de Independência, emergiu uma retórica fortemente anti-comunista, que desafia e revisa a história comunista e principalmente a narrativa do herói *partisan* na Segunda Guerra Mundial (PAUKOVIĆ, 2019, p. 99). Se hoje há relativo consenso quanto aos eventos da Guerra de Independência¹⁶, e os veteranos dos conflitos que ocorreram entre 1991-1995 continuam a ocupar uma posição privilegiada na política e na sociedade croata (SOKOLIĆ, 2019, p. 143), o mesmo não pode ser dito sobre a NOB, que ainda gera múltiplas controvérsias.

¹⁶ Chamada de Guerra da Pátria (*Domovinski rat*), o termo se refere ao conjunto de conflitos que ocorreram entre 1991 e 1995, consolidando a independência da Croácia em relação à Iugoslávia e a incorporação de territórios que haviam permanecido sob domínio sérvio. Nesse sentido, há na Croácia atual uma noção generalizada, quase universal entre os croatas étnicos, de que a Croácia foi vítima de agressão sérvia e que por esse motivo, liderou uma guerra de autodefesa, com o objetivo de salvar o Estado croata e de impedir a destruição dos croatas étnicos. Essa narrativa também foi central para o processo de construção da nação juntamente com outras estratégias tal como o rompimento dos laços com o estado multinacional iugoslavo, a criação de uma história de continuidade do estado croata na história e o fim do idioma servo-croata (SOKOLIĆ, 2019, p. 148).

Todos os anos, a Croácia testemunha uma polarização de seu passado, principalmente no período entre abril e julho, quando datas importantes e comemorações da Segunda Guerra Mundial ocorrem (PAUKOVIĆ, 2019, p. 100). Entre a celebração do legado *partisan* e a sua negação, a condenação dos crimes *ustaša* e o enaltecimento do NDH, essas disputas se refletem tanto a nível político quanto simbólico; os dois partidos mais expressivos na Croácia hoje, o HDZ (*Hrvatska demokratska zajednica*) e o SDP (*Socijaldemokratska partije Hrvatske*), expressam tendências opostas: o primeiro tende a enfatizar narrativas anticomunistas, e o segundo demonstra mais preocupação com a preservação do legado iugoslavo. Para além das dinâmicas políticas, essas tensões também se revelam nas disputas por mudanças nos nomes de ruas, instituições e espaços públicos, na seleção, apropriação e redistribuição da propriedade cultural, mitos, símbolos, heróis, memoriais e legados históricos do estado compartilhado (PERICA, 2014, p. 97), e por fim na negação e destruição dos traços materiais da Iugoslávia socialista – principalmente de seu legado de monumentos (PAUKOVIĆ, 2019, p. 102). Essa tendência revisionista parece ganhar cada vez mais espaço em um contexto de predominância do HDZ na Croácia: Pauković aponta para a ênfase que o partido vem dando nos últimos anos à Guerra de Independência e aos discursos patrióticos, provocando debates inflamados e desviando a atenção pública dos escândalos de corrupção nos quais esteve envolvido (PAUKOVIĆ, 2019, p. 120). Nesse contexto de constante disputas sobre o passado, qual é o espaço que o imenso legado monumental iugoslavo ocupa na sociedade croata atual?

6. Três décadas depois: os *spomeniks* iugoslavos na atual República da Croácia

Para o presente estudo, foi feita uma tentativa de mapeamento destes monumentos na República da Croácia, buscando identificar o seu estado atual, as renovações empreendidas nos últimos anos por governos locais ou por grupos privados, a existência de comemorações ou tributos prestados em datas comemorativas e ainda episódios de vandalismo ou destruição. Atualmente, não

existem registros oficiais do Ministério da Cultura em relação a estes monumentos: todas as tentativas de sistematização ou organização desse patrimônio cultural foram empreendidas por pesquisadores. Como ressalta Horvatinčić, “boa parte do material artístico e arquivístico - tanto os próprios monumentos como os documentos históricos a eles relacionados – encontra-se hoje destruído ou de difícil acesso”¹⁷ (HORVATINČIĆ, 2013, p. 218, tradução nossa); assim, seria impossível reconstituir uma lista definitiva das construções, apesar de acreditarmos que todos os monumentos que se encontram em uso ou relativamente conservados foram incluídos aqui.

Um dos principais trabalhos que chamam a atenção para a existência destes monumentos em todo o território da antiga República da Iugoslávia foi o de Jan Kempnaers, pesquisador belga de Artes Visuais na Academia Real de Belas Artes de Ghent. Kempnaers se propôs a viajar pela região em busca destas construções, produzindo fotografias que não se pretendiam documentais, tendo como principal objetivo a criação de imagens artísticas (BERGFORS, 2011, p. 42). Suas fotografias, publicadas em seu livro *Spomenik* (Roma Publications, 2010) e amplamente divulgadas na internet, chamaram a atenção de inúmeros entusiastas; no entanto, as fotografias divulgadas não atribuíam aos monumentos o seu nome, sua trajetória histórica ou até mesmo a sua localização precisa, porém cativavam um vasto público pela sensação de estranhamento. Como aponta Horvatinčić, “a julgar pela quantidade de sites e blogs, o título ininteligível, ‘cativante’, exótico do livro parece ter desencadeado uma mudança semântica – um estreitamento semântico – da palavra *spomenik*”¹⁸ (HORVATINČIĆ, 2012, p. 3, tradução nossa) que passou a ser relacionada exclusivamente com os monumentos iugoslavos de estilo abstrato, esvaziada de seu sentido original como um local de memória.

¹⁷ No original: “(...) dobar dio umjetničke i arhivske građe – kako samih spomenika tako i povijesnih dokumenata što su uz njih vezani – danas uništen ili teško dostupan”.

¹⁸ No original: “Judging by the amount of websites and blogs, the unintelligible, ‘catchy’, exotic title of the book seems to have triggered a semantic shift – *semantic narrowing* – of the word *spomenik*”.

Uma iniciativa que foi inspirada pelo trabalho de Jan Kempenaers, mas que ultrapassou em muito o seu escopo, é o trabalho de Donald Niebyl. O pesquisador americano revela que as fotografias lhe despertaram imensa curiosidade, mas que teve dificuldades para encontrar informações sobre os monumentos, pois o trabalho de Kempenaers não exibia preocupações com a sua localização, significado ou história. Niebyl afirma: “a única informação acessível que pude encontrar foram artigos sensacionalistas da grande mídia ocidental, que basicamente se resumiam a compará-los a filmes de ficção científica e OVNI”¹⁹ (NIEBYL, 2021, tradução nossa). Niebyl, que tinha experiência na análise de imagens aéreas, se propôs a procurar estruturas de concreto nas imagens aéreas do Google Maps e traçar possíveis rotas. Após anos de pesquisa, Niebyl viajou até a região e visitou os monumentos identificados, buscando, por meio de conversas com os habitantes locais e pesquisas em arquivos, retratar e compreender a sua história e significado. O resultado de seu trabalho está disponível no site *Spomenik Database*²⁰: se trata de um repositório constantemente atualizado mediante visitas recentes; todos os monumentos visitados foram fotografados e analisados, bem como situados geograficamente em um mapa interativo.

A nível nacional, uma iniciativa recente, liderada pela historiadora da arte Davorka Perić, é o projeto *Refreshing Memory*²¹, patrocinado pelo Conselho da Minoria Nacional Sérvia da Cidade de Zagreb, pela plataforma de arte *Vizura Aperta* e pelo Conselho Nacional da Sérvia. Reunindo diversos profissionais, o projeto se dedica tanto à catalogação destas estruturas, quanto à organização de conferências, trabalhos de investigação científica, exposições e *workshops* com os cidadãos, com o objetivo de promover a importância da preservação do patrimônio cultural e combater o revisionismo histórico.

¹⁹ No original: “The only accessible info I could find was sensationalist articles from mainstream Western media which essentially amounted to comparing them to sci-fi films and UFOs”.

²⁰ Disponível em: < <https://www.spomenikdatabase.org/>>.

²¹ Disponível em: < <https://refreshing-memory.com/>>.

Assim, para o presente trabalho, os dois principais repositórios analisados foram o *Spomenik Database* e o projeto *Refreshing Memory*. Para cada um dos monumentos identificados, foram feitas pesquisas no arquivo nacional e nas bibliotecas municipais, nos sites das prefeituras locais e em sites de notícias locais e nacionais para buscar informações sobre a ocorrência de celebrações anuais ou de casos de vandalismo, busca de imagens recentes e em alguns casos, visitas presenciais. Para direcionar os próximos passos da análise, os monumentos foram organizados em categorias que permitem a visualização do status atual das construções identificadas. É preciso, no entanto, fazer uma ressalva: como bem coloca Perić,

Uma grande parte dos monumentos foram demolidos pelo exército, (...) destruídos pela devastação da guerra, removidos ou destruídos por decisões do governo local, demolidos por grupos extremistas, por indivíduos, desaparecidos por razões econômicas e transformados em matérias-primas secundárias²² (PERIĆ, 2019, tradução nossa).

Apesar de acreditarmos que todos os monumentos que não foram destruídos por completo constam na nossa análise, o número de monumentos em ruínas e, principalmente, aqueles que desapareceram, não podem ser estimados: seu número em muito ultrapassa aqueles que foram listados aqui.

Os 99 monumentos identificados foram categorizados segundo o seu estado de conservação. Para isso, propomos quatro categorias:

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO
Conservado	Em estado bom ou aceitável de conservação; todas as partes do monumento estão presentes; esforços de preservação; marcas do tempo que não afetam a forma geral do monumento.

²² No original: Veliki dio spomenika srušile su vojske (...), dio je uklonjen ili uništen po odlukama lokalne samouprave, dio su srušile ekstremističke grupe, dio pojedinci, dio je nestao iz ekonomskih razloga i pretvoren u sekundarnu sirovinu”.

Em deterioração	Monumento ainda preserva a sua forma, porém se encontra em estado de deterioração ou abandono; ausência de partes do monumento por vandalismo ou negligência.
Em ruínas	O monumento perdeu a sua forma, se tornando praticamente irreconhecível; ausência de partes fundamentais; pouca ou nenhuma indicação no local da natureza da construção.
Destruído	Completamente destruído.

Os resultados estão dispostos na seguinte tabela:

Categoria	n. de monumentos	porcentagem (aprox.)
Conservado	41	41,41%
Em deterioração	37	37,37%
Em ruínas	10	10,10%
Destruído	11	11,11%
TOTAL	99	

I. Os monumentos conservados

Correspondem a quase 40% dos monumentos identificados: são frequentemente visitados por turistas, são alvo de homenagens prestadas pelos habitantes e costumam estar no centro de celebrações anuais. A tabela abaixo enumera aqueles que passam por manutenções frequentes (limpeza, cuidado com a vegetação circundante, apagamento de grafite), os que passaram por renovações

recentes (últimos 10 anos) e por fim, para aqueles que ainda são locais de comemorações:

	n. de monumentos	Porcentagem (aprox.)
Manutenções frequentes?	13	31,70%
Renovado nos últimos 10 anos?	6	14,63%
Celebrações anuais?	17	41,46%
Casos de vandalismo?	5	9,75%
TOTAL	41	

Mesmo entre os monumentos que se encontram em um estado satisfatório de conservação, o número daqueles que são alvo de manutenções por parte dos governos locais são surpreendentemente baixos, e menos frequentes ainda são as iniciativas de renovação. Quanto às comemorações, ainda permanecem como tradição em cerca de metade dos monumentos: ocorrem majoritariamente no dia 22 de junho, no feriado da Luta Antifascista, contando muitas vezes com a presença de figuras políticas de importância local ou até mesmo nacional (HRT, 2021); (TPORTAL, 2020). A persistência destes rituais comemorativos indica que os monumentos ainda desempenham um papel relevante no cotidiano das comunidades, que mantém vínculos de identificação com as memórias imbuídas nessas construções. No entanto, um outro fenômeno vem se mostrando frequente: os monumentos vêm se tornando alvo de manifestações das contra-narrativas e do revisionismo histórico que demonizam o movimento antifascista, enquanto simultaneamente reabilitam e glorificam o movimento *ustaša* como verdadeiros patriotas croatas (PAVLAKOVIĆ, 2014, p. 383). A figura 1 ilustra um episódio recente, no qual um monumento que havia sido completamente renovado em 2014 foi vandalizado com símbolos nazistas, frases ofensivas para a minoria *romani* e a frase “mate um sérvio” (*ubij srbina*) (KOŽUL, 2020). Na figura 2, a frase “Parque de Pavelić” (*Pavelićev Park*) foi escrita no monumento dedicado à NOB, localizado no

Figura 1 – Vandalismo no monumento do *Spomen-park Dudik*, em Vukovar



Parque de Tito (*Titov Park*), renovado pela última vez em 2013 (INDEKS VIJESTI, 2021).

Um outro episódio evidencia a disputa de narrativas que ainda está em jogo: na cidade de Vodice, seguindo as renovações feita no Monumento aos Soldados da Segunda Guerra Mundial de Vodice construído em 1965, a organização *Hrvatski domobran* – dedicada à preservação dos memoriais e cemitérios das vítimas e soldados da guerra de independência da Croácia – projetou a construção de um monumento dedicado “às vítimas do comunismo iugoslavo”. O monumento foi aprovado pela prefeitura sob a direção do partido HDZ, porém despertou polêmicas entre a população local: ao ser questionado sobre as razões do monumento, o presidente da *Hrvatski domobran*, Nikola Španja, respondeu de maneira elusiva, afirmando que “não haverá nomes no monumento. Essa é a decisão do Conselho de Administração da associação HD porque há muitas vítimas e os nomes não caberiam”²³ (BLAŽEVIĆ, 2012, tradução nossa); Španja também afirmou que “o considera um símbolo e mensagem de amor, paz e solidariedade às vítimas, independentemente de sua ideologia”²⁴ (BLAŽEVIĆ, 2012, tradução nossa). Para uma parte da população local, sendo Vodice uma cidade que mantém

Figura 2 – Vandalismo no monumento do *Titov Park*, em Pula



Fonte: Index Vijesti, 2021.

²³ No original: “Nikakvih imena na spomeniku neće biti. To je odluka Upravnog odbora udruge HD jer je prevelik broj žrtava i ne bi stao na spomenik”.

²⁴ No original: “(...) smatra da je riječ o simbolu i poruci ljubavi, mira i suosjećanja sa stradalima, neovisno o njihovoj ideologiji”.

vivas as tradições *partisans*, o novo monumento é apenas mais uma causa de conflitos entre os habitantes.

II. Os monumentos em estado de deterioração

Quanto aos monumentos em estado de deterioração, nenhum é resguardado pelos governos locais e as últimas duas celebrações reportadas na mídia ocorreram em 2018, nas cidades de Plovanija e Ploče. Quanto aos casos de vandalismo, denunciados em 11 dos 37 monumentos (29,72%), vão desde a destruição das estruturas do monumento através de marteladas, como ocorreu no monumento de Pijavičino em agosto de 2021 (KRILE, 2021), até roubos das partes de bronze dos monumentos. Além de sua destruição material, os monumentos também são alvo de grafites de símbolos do NDH e do regime *ustaša*. A figura 3 mostra as agressões feitas em um monumento localizado na vila de Gravobac Banski, dedicado às vítimas do massacre que ocorreu no local em julho de 1941 pelas tropas *ustaša* contra a população local. O vandalismo foi feito sobre as placas comemorativas do monumento: a sigla HOS (*Hrvatske obrambene snage*) se refere às forças paramilitares do Partido dos Direitos da Croácia, que atuou durante a primeira fase das guerras da década de 1990; a saudação *Za dom spremni*²⁵ (prontos para o lar) foi uma saudação usada pelo regime *ustaša* e mais tarde pelo HOS, além da sigla NDH. Sendo Gravobac Banski uma aldeia cuja população é majoritariamente sérvia, a agressão ao monumento foi particularmente violenta para seus habitantes. Em Zrmanja, um caso semelhante foi reportado em 2017: o ativista Željko Obradović conta para o Portal Novosti:

²⁵ A saudação *Za dom spremni* tem sido alvo de polêmicas na Croácia: em 2013, na ocasião em que a Croácia venceu a partida de futebol contra a Islândia, que a classificou para a Copa do Mundo de 2014, o jogador Josip Šimunić liderou a saudação em meio a multidão do estádio em Zagreb (Kristović, 2013); em 2015, uma petição online criada pelo veterano da guerra de independência Branko Borković pedia a introdução da saudação como a saudação oficial das Forças Armadas da Croácia, sendo assinada por 3,200 pessoas (HRSTIĆ, 2015). Apesar de sua ambiguidade, pois remonta tanto ao regime *ustaša* quanto ao HOS e a guerra da independência da Croácia, a saudação foi reintroduzida durante as guerras da década de 1990 através de justificações revisionistas do regime *ustaša*, que racionalizavam a perseguição das minorias sérvias como um movimento legítimo para a independência da Croácia, daí o caráter inegavelmente problemático da saudação (BLANUŠA; KULENOVIĆ, 2018, p. 183).

Com frequência passo por esse monumento e todas as vezes vejo novos rabiscos, na maioria das vezes a letra 'U' com mensagens mais ofensivas. (...) Fotografei várias vezes o monumento devastado, mas até agora ninguém reagiu, incluindo as autoridades municipais de Gračac, em cuja área o monumento está localizado²⁶ (PORTAL NOVOSTI, 2017, tradução nossa).

Um monumento bastante conhecido que se encontra em estado avançado de deterioração é o monumento dedicado às mortes dos camponeses sérvios que

Figura 4 – *Spomenik ustanku naroda Banije i Korduna*, em Petrova



Figura 3 – Vojin Bakić, Petrova Gora, Banja Luka, Republika Srpska, Bósnia e Herzegovina



Fonte: Portal Novosti, 2020.

lutaram contra a milícia *ustaša* nas montanhas de Petrova Gora entre 1941 e 1942. O monumento é obra de um dos escultores croatas mais celebrados do século XX, Vojin Bakić: o seu processo de construção levou cerca de dez anos, do início do projeto até a finalização da obra em 1981. Apesar de sua importância artística, o monumento se encontra em completo abandono e negligência: boa parte dos painéis de aço foram roubados, o andar térreo está inundado, buracos foram feitos

²⁶ No original: “Često prolazim pored tog spomenika i svaki put vidim nove žvrljotine, najčešće slovo ‘U’ uz više uvredljivih poruka (...). Više sam puta fotografirao devastirani spomenik, ali do sada nitko nije reagirao, uključujući i općinska vlasti u Gračacu na čijem se području taj spomenik nalaz”.

na construção para permitir o acesso ao seu interior e os seus arredores estão cercados de lixo. Não obstante, não é incomum que visitantes se dirijam até o monumento, principalmente depois da divulgação na internet das fotografias de Jans Kempenaers.

II. Os monumentos em ruínas e os monumentos destruídos

Correspondem à menor parte dos monumentos que puderam ser identificados nessa análise; no entanto, como foi mencionado anteriormente, esse número não pode ser estimado de maneira precisa. Dentre os 21 monumentos, 19 foram destruídos na década de 1990, como resultado acidental das guerras em curso ou por ação deliberada dos exércitos envolvidos nos conflitos. Boa parte desses monumentos eram obras de Bakić, de alto valor artístico e arquitetônico: suas obras em Bjelovar, Gudovac e Čazma foram minados intencionalmente em 1991 (IVANČEVIĆ, 2013, p. 424). Outro monumento de Bakić que merece destaque é o *Spomenik pobjedi revolucije naroda Slavonije*, destruído em 1992. Localizado em Kamenska, o monumento foi um grande marco para a arquitetura iugoslava: com essa obra, finalizada em 1968, Bakić mudou significativamente a direção do desenvolvimento da escultura monumental oficial da Iugoslávia socialista, elevando-a ao mesmo patamar da arte europeia do alto modernismo (IVANČEVIĆ, 2015, p. 424). O monumento foi bombardeado repetidamente por tropas croatas até que as suas estruturas cedessem; ao longo da década, o seu material foi retirado continuamente, até que o monumento desaparecesse completamente. (IVANČEVIĆ, 2015, p. 424). Em nenhum dos casos, os indivíduos responsáveis foram identificados ou penalizados de qualquer forma.

Os outros dois monumentos que não foram destruídos na década de 1990 e sim recentemente, em 2010 e 2021, são respectivamente, o monumento dedicado à Stjepan Filipović em Opuzem, e o cemitério *partisan*, em Komletinci. O primeiro foi demolido pelas autoridades locais, pois a prefeitura tinha planos de construir um

centro comercial no local. A população da cidade protestou e pediu a restauração do monumento, porém as autoridades locais afirmam que isso não é uma possibilidade pois os planos de construção do centro comercial são sua prioridade (PILIĆ, 2020). O segundo foi destruído por um cidadão local, utilizando ferramentas e um trator agrícola: o monumento foi amarrado no trator que o arrancou do solo (PERETIĆ, 2021).

7. Considerações finais: entre a ruína e o retorno: memória, narrativa e esquecimento

Os monumentos construídos durante os anos de existência da República Socialista Federativa da Iugoslávia, para além de sua importância no processo de consolidação da ideia iugoslava de *fraternidade e unidade* entre as diferentes etnias, também possuíam grande valor artístico e arquitetônico. A análise do estado atual desses monumentos, que revela a coexistência de sua celebração e contestação, aponta para a complexa dinâmica de narrativas e contra-narrativas que ainda marcam o cotidiano dos cidadãos da República da Croácia. É inegável que esse legado monumental está inserido em uma tendência geral de abandono e negligência, porém o número de celebrações anuais que ainda se concretizam e a própria atenção da mídia aos episódios de vandalismo e destruição das construções apontam para a importância que os monumentos possuem para algumas comunidades.

Em uma Croácia governada majoritariamente pelo HDZ desde 2012, se observa um crescimento das tendências nacionalistas que enfatizam a vitimização unilateral e o desejo de vingança pelos crimes passados (PAUKOVIĆ; PAVLAKOVIĆ, 2019, p. 122); nesse sentido, a ênfase na NOB e na possibilidade de cooperação entre as diferentes etnias da região – a narrativa oficial em voga durante o período de existência da Iugoslávia socialista – dá lugar a uma nova narrativa oficial, que celebra a guerra de independência da década de 1990 como o mito de fundação da Croácia através da sua libertação da opressão e agressão sérvia

(PAUKOVIĆ; PAVLAKOVIĆ, 2019, p. 148). Assim, se a negligência desse legado se insere nas novas tendências oficiais, a resistência a esse apagamento que ainda se conserva, através dos rituais de celebração e da preocupação com as tentativas de destruição e vandalismo expressas por algumas comunidades, se tornam novas contra-narrativas, evidenciando a complexa dialética entre a memória e o esquecimento que se opera nessa sociedade simultaneamente pós-socialista e pós-conflito.

O silêncio das autoridades nacionais em relação a sua própria herança monumental, portanto, dá lugar a uma pluralidade de vozes que se propõe a investigar este legado, desde entusiastas de sua arquitetura – como o fotógrafo Jans Kempnaers – até pesquisadores interessados em suas múltiplas dimensões como símbolos, testemunhas históricas e obras de arte. Esquecidos e negligenciados durante a década de 1990, os monumentos retornam aos ciclos da memória como portadores de novas contra-narrativas, se afirmando mais uma vez como *lieux de mémoire* por sua “capacidade de metamorfose, uma infinita reciclagem de seu significado e uma proliferação imprevisível de suas ramificações”²⁷ (NORA, 1989, p. 19, tradução nossa).

REFERÊNCIAS

ASSMAN, Aleida. **Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

BEGIĆ, Sandina; MRAOVIĆ, Boriša. Forsaken Monuments and Social Change: The Function of Socialist Monuments in the Post-Yugoslav Space. In: DEZALIA, Rebekah; MOESCHBERGER, Scott. **Symbols that Bind, Symbols that Divide: The Semiotics of Peace and Conflict** Nova Iorque: Springer, 2014.

BENJAMIN, Walter. **O Anjo da História**. São Paulo: Autêntica, 2012.

BERGFORS, Sara. Spomeniks: Symbolism gone for good? **Baltic Worlds**. Estocolmo, n. 4, p. 40-42, 2011.

²⁷ No original: “(...) capacity of metamorphosis, an endless recycling of their meaning and an unpredictable proliferations of their ramification”.

BLANUŠA, Nebojša; KULENOVIĆ, Enes. Hate Speech, Contentious Symbols and Politics of Memory: Survey Research on Croatian Citizen's Attitudes. **Croatian Political Science Review**. Zagreb, v. 55, n. 5, pp. 176-202, 2018.

BLAŽEVIĆ, Davorka. Spomenik žrtvama komunizma do 90. podijelio 'crvene Vodice'. **Slobodna Dalmacija**, Split, 20 de julho de 2012. Disponível em: <<https://slobodnadalmacija.hr/vijesti/hrvatska/spomenik-zrtvama-komunizma-do-90-podijelio-crvene-vodice-173797>>.

GOLDSTEIN, Ivo. Croatia and Croats in Yugoslavia. In: HELSINKI COMMITTEE FOR HUMAN RIGHTS IN SERBIA (org). **Yugoslavia from a Historical Perspective**. Belgrado: Delfimedia, 2017, pp. 126-182.

HORVATINČIĆ, Sanja. Prijedlog modela problemske analize spomeničke plastike iz razdoblja socijalizma. **Radovi Instituta za povijest umjetnosti**. Zagreb, n. 37, p. 217-228, 2013.

HORVATINČIĆ, Sanja. Spomenik, teritorij i medijacija ratnog sjećanja u socijalističkoj Jugoslaviji. **Život umjetnosti: časopis o modernoj i suvremenoj umjetnosti i arhitekturi**. Zagreb, v. 96, n. 1, p. 32-59, 2015.

HORVATINČIĆ, Sanja. The Peculiar Case of *Spomeniks*: Monumental Commemorative Sculpture in Former Yugoslavia - Between Invisibility and Popularity. In: II LISBON SUMMER SCHOOL OF CULTURE: PERIPHERAL MODERNITIES. 2012, Lisboa. Anais... Lisboa, 2012, p. 2-11.

HRSTIĆ, Ivan. Zašto nisam potpisao peticiju za pozdrav 'za dom spremni'. **Večernji list**, Zagreb, 3 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://www.vecernji.hr/vijesti/zasto-nisam-potpisao-peticiju-za-pozdrav-za-dom-spremn-1022557>>.

HRŽENJAK, Juraj. **Rušenje antifašističkih spomenika u Hrvatskoj 1990-2000**. Zagreb: Savez antifašističkih boraca, 2001.

HRT. Državni vrh zajedno obilježio Dan antifašističke borbe. **HRT Vijesti**. Zagreb, 22 de junho de 2021. Disponível em: <<https://vijesti.hrt.hr/hrvatska/dan-antifasisticke-1-2151824>>.

IVANČEVIĆ, Nataša. Promjena tipologije spomeničkog rješenja Vojina Bakića: Spomenik podjedi revolucije naroda Slavonije, Kamenska. **Anali Galerije Antuna Augustinčića**. Klanjec: v. 32-35, p. 405-426, 2015.

JAUKOVIĆ, Marija. To Share or to Keep: The Afterlife of Yugoslavia's Heritage and the Contemporary Heritage Management Practices. **Politička misao: časopis za politologiju**. Zagreb, v. 51, n. 5, p. 80-104, 2014.

KARGE, Heike. Mediated remembrance: Local practices of remembering the Second World War in Tito's Yugoslavia. **European Review of History**. [online], v. 16, n. 1, p. 49-62, 2009.

KARGE, Heike. Sajmište, Jasenovac, and the Social Frames of Remembering and Forgetting. **Filozofija i Društvo**. Belgrado, v. 23, n. 4, p. 106-118, 2012.

KOŽUL, Anja. Devastiran Spomen-park Dudik. Politika. **Portal Novosti**, Zagreb, 30 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.portalnovosti.com/devastiran-spomen-park-dudik>>.

KRILE, Anita Belak. Sramota u Dalmaciji: čekićima je stučen spomenik na kojem su među stotinama ubijenih i imena 96 žrtava koje su pobili njemački vojnici divizije "Prinz Eugen". **Slobodna Dalmacija**, Split, 28 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://slobodnadalmacija.hr/dalmacija/obala/sramota-u-dalmaciji-cekicima-je-stučen-spomenik-za-96-zrtava-koje-su-pobili-njemacki-vojnici-divizije-prinz-eugen-pogledajte-video-1123303>>.

INDEX VIJESTI. U Puli Titov spomenik prešarali ustaškim u, napisali i "Pavelićev park". **INDEX**. Vijesti. [online], 22 de junho de 2021. Disponível em: <<https://www.index.hr/vijesti/clanak/u-puli-titov-spomenik-presarali-ustaskim-u-napisali-i-pavelicev-park/2285295.aspx>>.

NIEBYL, Donald. Every monument counts [5 de fevereiro, 2021]. Sofia: **Quotes Magazine**. Entrevista concedida a Quotes Magazine. Disponível em: <<https://quotesmagazine.com/donald-niebyl/>>.

NORA, Pierre. Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire. **Representations**, Berkeley, n. 26, pp. 7-24, 1989.

PANIĆ, Ana. Yugoslavia: an individual recollection of a collective memory. In: JURLINA, Petra (org). **The Politics of Heritage and Memory: Conference papers, October 9–10, 2013, Zadar**. Zagreb: Universidade de Zagreb, 2014, pp. 295-350.

PAUKOVIĆ, Davor; PAVLAKOVIĆ, Vjeran. **Framing the Nation and Collective Identities: Political Rituals and Cultural Memory of the Twentieth-Century Traumas in Croatia**. Londres: Taylor and Francis, 2019.

PAVKOVIC, Aleksandar. **The Fragmentation of Yugoslavia: Nationalism and War in the Balkans**. Nova Iorque: St. Martin's Press, 2000.

PAVLAKOVIĆ, Vjeran. Blowing Up Brotherhood and Unity: the Fate of World War Two Cultural Heritage in Lika. In: JURLINA, Petra (org). **The Politics of Heritage and Memory: Conference papers, October 9 – 10, 2013, Zadar**. Zagreb: Universidade de Zagreb, 2014, pp. 351-428.

PERETIĆ, Mia. Kakvi likovi: traktorom kod Vukovara srušili partizanski spomenik, policija zna tko su počinitelji. **Dnevno**, Zagreb, 14 de abril de 2021. Disponível em: <<https://www.dnevno.hr/vijesti/kakvi-likovi-traktorom-kod-vukovara-srusili-partizanski-spomenik-policija-zna-tko-su-pocinitelji-1718812/>>.

PERICA, Vjekoslav. Heroes of a New Kind: Commemorations and Appropriations of Yugoslavia's Sporting and Pop-Cultural Heritage. In: ABAZOVIC, Dino; VELIKONJA, Mitja (org). **Post-Yugoslavia: New Cultural and Political Perspectives**. Nova Iorque: St Martin's Press, 2014, pp. 96-132.

PERIĆ, Davorka. Polovica spomenika NOB-u je uništena, a nitko ne traga za krivcima [20 de julho, 2019]. Zagreb: **Nacional**. Entrevista concedida a Dubravko Jagatić. Disponível em: <<https://www.nacional.hr/peric-polovica-spomenika-nob-u-je-unistena-a-nitko-ne-traga-za-krivcima/>>.

PEROVIĆ, Latinka. The Serbs and Serbia in Modern History. In: HELSINKI COMMITTEE FOR HUMAN RIGHTS IN SERBIA (org). **Yugoslavia from a Historical Perspective**. Belgrado: Delfimedia, 2017, pp. 220-270.

PILIĆ, Damir. Povratak kući Hrvatskog Che Guevare: u predvorju zgrade UN-a stoji njegova fotografija, a u Valjevu je spomenik. Samo ga nema u njegovom rodnom gradu. **Jutarnji list**. Zagreb, 24 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://www.jutarnji.hr/kultura/art/povratak-kuci-hrvatskog-che-guevare-u-predvorju-zgrade-un-a-stoji-njegova-fotografija-a-u-valjevu-je-spomenik-samo-ga-nema-u-negovom-rodnom-gradu-10004056>>.

RASTODER, Šerbo. Montenegro and the Montegrins in the Yugoslavia. In: HELSINKI COMMITTEE FOR HUMAN RIGHTS IN SERBIA (org). **Yugoslavia from a Historical Perspective**. Belgrado: Delfimedia, 2017, pp. 90-125.

SOKOLIĆ, Ivor. Heroes at the margins: veterans, elites and the narrative of war. In: PAUKOVIĆ, Davor; PAVLAKOVIĆ, Vjeran. **Framing the Nation and Collective Identities: Political Rituals and Cultural Memory of the Twentieth-Century Traumas in Croatia**. Londres: Taylor and Francis, 2019, pp. 143-159.

ŠTIKS, Igor. **Nations and Citizens in Yugoslavia and the Post-Yugoslav States: one hundred years of citizenship** Londres: Bloomsbury, 2015.

TPORTAL. Milanović s antifašistima obilježio 75 godina oslobođenja sjeverozapadne Hrvatske. **TPortal**. Vijesti. [online], 19 de setembro de 2020.